

VEREDAS

Revista da Associação Internacional de Lusitanistas

VOLUME 2



FUNDAÇÃO ENG. ANTÓNIO DE ALMEIDA

PORTO, 1999

Coimbra, 5 de Janeiro de 2.001
M. Silva

Veredas

Revista de publicação anual

Volume 2 – Dezembro de 1999

Director:

Helder Macedo

Director Adjunto:

Sebastião Pinho

Conselho Redactorial:

Aníbal Pinto de Castro, Axel Schönberger, Claudio Guillén, Fernando Gil, Francisco Bethencourt, Henry Thorau, J. Romero de Magalhães, Jorge Couto, Laura Padilha, Maria Alzira Seixo, Marie-Hélène Piwnick, Onésimo T. Almeida, Ria Lemaire. *Por inerência:* Ana Paula Ferreira, Benjamin Abdala Jr., Carlos Reis, Christopher Lund, Cleonice Berardinelli, Ettore Finazzi-Agrò, Helder Macedo, Isabel Pires de Lima, José Octávio Van-Dúnem, Regina Zilberman, Sebastião Pinho, T. F. Earle.

Redacção:

VEREDAS – Revista da Associação Internacional de Lusitanistas

Faculdade de Letras

P-3000-447 Coimbra Codex

Telefax +351-239-410088; E.mail: ailusit@cygnus.ci.uc.pt

Edição, administração, distribuição e assinaturas:

Fundação Eng. António de Almeida

Rua Tenente Valadim, 231/325

P-4100-479 Porto

Tel. +351-22 6067418; Fax +351-22 6004314; E.mail: fundacao@feaa.pt

Paginação: José Soares Pinto – Porto

Impressão e acabamento: SerSilito - Empresa Gráfica, Lda./Maia

Autoria da capa: Atelier Henrique Cayatte – Lisboa

Depósito Legal n.º 137737/99

ISSN 0874-5102

Revista integralmente patrocinada pela



FUNDAÇÃO ENG. ANTÓNIO DE ALMEIDA

AS ACTIVIDADES DA ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL DE LUSITANISTAS
TÊM O APOIO REGULAR DO INSTITUTO CAMÕES

ÍNDICE

AIDA FERNANDA DIAS – Uma bibliografia medieval em suporte electrónico.....	7
EDUARDO JAVIER ALONSO ROMO – Os escritos portugueses de um jesuíta holandês no Oriente: Gaspar Barzeu (1515-1553).....	17
MÁRCIA M. DE ARRUDA BRANCO – Camões, leitor de Sá de Miranda.....	29
ANNE-MARIE QUINT – Ideias subversivas de um humanista cristão	49
MARIA THERESA ABELHA ALVES – Padre António Vieira, a exegese escriturária e o Quinto Império	63
CHRISTOPHER LUND – António Vieira e Menasseh ben Israel: uma aproximação de dois hermeneutas.....	79
MATILDES DEMETRIO DOS SANTOS – Literatura e História: Cartas Persas e Chilenas	85
VILMA ARÊAS – Um Primo Basílio da periferia.....	97
VIRGÍNIA SOARES PEREIRA – Garrett, Fr. Luís de Sousa e Fr. Gil de Santarém	107
MARIA MANUEL LISBOA – “Num bi nada”: O incesto e a oportunidade perdida n’ <i>Os Maias</i>	127
MARIA DE LOURDES A. FERRAZ – Camilo leitor de Castilho	157
DAVID BROOCKSHAW – Macau e os Macaenses: considerações sobre a obra de Henrique de Senna Fernandes e Rodrigo Leal de Carvalho.	169

MARIA ALZIRA SEIXO – O Canto Isolado de Edmundo de Bettencourt.....	179
APARECIDA DE FÁTIMA BUENO – Das <i>Odes</i> ao romance: a construção do personagem em <i>O Ano da Morte de Ricardo Reis</i>	195
K. DAVIS JACKSON – O desespero da musa: a paixão e o texto de van- guarda	213
ISABEL CRISTINA RODRIGUES – <i>Cartas de Sandra</i> de Vergílio Ferreira: a encenação do diálogo epistolar	223
LUCI RUAS PEREIRA – Vergílio Ferreira ou a paixão da escrita.....	233
CARLOS D’ALGE – Uma leitura dos romances de José Cardoso Pires	247
MARIA LUCIA FERNANDES GUELFY – <i>O Delfim</i> : Uma leitura pós-moderna da história.....	253
CRISTINA ROBALO CORDEIRO – Da <i>Paixão</i> às <i>Vozes da Paixão</i> de Almeida Faria: morfologia de uma metamorfose.....	271
AMET KÉBÉ – Símbolos e Ideologias em <i>1 Morto e os Vivos</i> de Manuel Rui Monteiro.....	279
BENJAMIN ABDALA JUNIOR – De vãos e ilhas – imagens utópicas e o mito de Ícaro, em recortes clássicos e contemporâneos.....	289
DIVA CARDOSO DE CAMARGO – O Primitivismo: apenas velhos “manifes- tos” e “prefácios”?.....	307
MANUEL ANTÔNIO DE CASTRO – Poética e <i>poiesis</i> : a questão da interpre- tação	317
JÚNIA DE CASTRO MAGALHÃES ALVES e LÚCIA TRINDADE VALENTE – <i>Harmada</i> : a “fulminância” na escrita de um texto contemporâneo....	341
GILMA TIETLER – O erotismo na força da palavra dita.....	349
EMMANOEL DOS SANTOS – O amor à língua materna no Brasil e a ques- tão do empréstimo.....	355
BARBARA HLIBOWICKA-WEGLARZ – A situação actual da língua portuguesa na Polónia – (O exemplo da Universidade Maria Curie Sklodowska de Lublin).....	363

António Vieira e Menasseh ben Israel: uma aproximação de dois hermeneutas

CHRISTOPHER LUND

EUA, Brigham Young University

A primeira metade do século XVII é rica em filo-judaísmo na Europa ocidental, especialmente entre holandeses e ingleses, surgindo, em parte, da experiência portuguesa a partir da intervenção manuelina em favor dos judeus, levando em consideração o Bandarrismo, e chegando ao auge nos escritos de António Vieira. Voltaremos a estes pontos.

Dentro do vasto capítulo da história portuguesa que trata das posturas oficiais perante os índios brasileiros, há parágrafos interessantíssimos protagonizados pelo Padre António Vieira. Sabe-se já que Vieira bebeu profundamente das fontes messiânicas da comunidade sefardita em Amsterdão em duas ocasiões e que teve contactos importantes com o Rabino Menasseh ben Israel. O essencial confronto destas duas figuras magnas regista-se no importante artigo “António Vieira, Menasseh ben Israel e o Quinto Império”, publicado por António José Saraiva, primeiro em 1972, em francês, e depois em 1992, num livro entitulado *História e Utopia* que reúne este e outros dois estudos fundamentais escritos por Saraiva sobre Vieira.

À guisa de homenagem aos dois grandes amigos visionários Padre António Vieira e Menasseh ben Israel, gostaria de resumir os pontos de contacto pessoais e doutrinários, reiterar a ideia de simbiose nos escritos dos dois, e ensaiar uma especulação talvez intuída pelo ilustre Saraiva mas não por ele especificamente articulada.

Ora, Menasseh nasceu na Madeira em 1604, Vieira, quatro anos mais tarde em Lisboa, em 1608. Não é provável que os dois se tenham conhecido pessoalmente antes que Vieira visitasse Menasseh em Amsterdão em 1646. Mas, aos 28 anos, em 1632, Menasseh publica *O Conciliador* em espanhol, uma tentativa de reconciliar as aparentes contradições de certas passagens da *Bíblia*. Penso que Vieira, com 24 anos, um homem intelectualmente formado nesta altura, poderá ter conhecido *O Conciliador* de Menasseh, já que, segundo Saraiva, um caixote de exemplares da primeira parte desta obra fora mandado ao Brasil. O espírito d'*O Conciliador* é o mesmíssimo espírito que mais tarde imbuí outras obras de Vieira como a *História do Futuro* e a *Clavis Prophetarum*. Isto é, um espírito de conciliação e reconciliação. Como se sabe, através dos papéis do seu processo inquisitorial, Vieira visitou o rabino Menasseh na Holanda e lá passou longos meses com ele e com outros Portugueses da nação hebraica lá exilados. Visitou-o em 1646 e 1647. Imagino, durante estas visitas, nas palavras de R. Popkin no seu ensaio "Alguns aspectos de intercâmbios teológicos judeu-cristãos na Holanda e na Inglaterra 1640-1700"¹, que o pensamento de Menasseh e Vieira se terá tornado cada vez mais estreitamente sinónimo no que toca à iminência, urgência, e vantagem de uma reconciliação entre judeus e cristãos num Quinto Império. Pois foi em 1644 que Menasseh tomou conhecimento da extraordinária anedota do marrano viajante, António de Montezinos (Aaron Levy), e o seu alegado encontro com índios em Equador que diziam ser descendentes de Abraão, Isaac, e Jacó. Os mesmos, segundo Montezinos, repetiam a Shema diariamente, participavam em outros ritos hebraicos, etc. Depois de ouvir Montezinos jurar diante de um tribunal de rabinos a verdade de sua história em 1650, Menasseh publica o relato no seu conhecido opúsculo *Esperança de Israel* deste mesmo ano, que logo se traduziu em mais idiomas. Vieira, obviamente, vai guardar muito da mesma doutrina e interpretá-la, à sua maneira, na sua obra *Esperanças de Portugal*. Os dois amigos – Vieira, filo-judeu, e Menasseh, filo-cristão – esperavam, com a chegada de um Messias, o estabelecimento do quinto império. Este império seria o "terceiro estado" da Igreja, sendo a primeira a dos judeus, a segunda a dos cristãos (mais estritamente a dos católicos) e este terceiro, nas palavras de Saraiva,

¹ In Van den Berg e Van der Wall, *Jewish-Christian Relations in the Seventeenth Century*, Netherlands, Kluwer Academic Publishers, 1988, p. 19.

“tão diferente do segundo estado quanto a Igreja actual o é da Sinagoga.”²

Penso que Vieira se terá entusiasmado bastante ao longo destes largos diálogos com Menasseh nos quais terão falado sobre os sinais e portentos dos tempos como dois eruditos milenaristas. História jurada de encontros com descendentes das dez tribos perdidas de Israel no Brasil? No Equador? Se me permitem, vou citar as próprias palavras de Menasseh na sua Esperança – palavras que Vieira justamente nesta altura poderá ter lido ou ouvido do rabino. Depois de citar cerca de uma dúzia de casos de gente encontrada por vários descobridores, alguns duvidosos, Menasseh escreve a sua preferência pelo relato de Montezinos:

Sobre todo a lo que doy mas credito, es, la relacion de nuestro Montezinos, Portugues de nacion, Iudio de religion, nacido en una ciudade de Portugal llamada Villafior, de padres conocidos y honrados, de edad de 40 annos, hombre de bien, y fuera de toda ambicion.

E é justamente nesta altura – pelos anos 1650 – que Vieira pede a D. João IV, rei do Portugal recém-restaurado, que o tenha em missões diplomáticas pela Europa, pede, dizia eu, que o deixe voltar ao Brasil, ao Maranhão e à obra missionária. Vieira quer afastar-se das cortes europeias para seguir a seu chamamento missionário urgente. Vieira sente-se compelido por muitos motivos, mas sente-se compelido. Saraiva lembra-nos:

Numa carta dirigida a [Vieira] em 21 de Outubro de 1652 [o Rei] autorizava-o a partir para Maranhão, satisfazendo os repetidos pedidos do padre e o seu desejo de trabalhar pela propagação da fé em Maranhão; até então, prosseguia o Rei, impedira a partida de Vieira, a ponto de o ter mandado retirar do barco a bordo do qual o padre se preparava para seguir viagem³.

Quaisquer que sejam as verdades que rodeiam a anedota de Montezinos e os índios descendentes da tribo de Rubem, lembremos que um dos antepassados espirituais possivelmente comuns aos dois hermeneutas, provavelmente a Menasseh, que conhecia a cultura portuguesa, anota Saraiva, e com certeza a Vieira é – Gonçalo Anes Bandarra das *Trovas*. E a noção de que os índios de Maranhão fossem Israelitas podará ter sido o motivo mais importante da volta de Vieira ao Brasil. Isto no

² *História e Utopia*, p. 105.

³ *op. cit.*, p. 18.

meio de tantos outros, políticos e económicos, igualmente válidos e vantajosos.

Sei que Adma Fadul Muhana nos revela na sua excelente edição da *Apologia das Coisas Profetizadas* que, já nas últimas décadas da sua vida, Vieira é menos ambíguo quanto ao paradeiro das dez tribos, conjecturando, à maneira de seu profeta Bandarra, que estarão habitando alguma “Terra incógnita austral”, alegando com sua costumada lógica cristalina, já que “não estão na Europa, nem na África, nem na Ásia, nem na América.” (ênfase minha)⁴. Isto pela década de 60. Mas penso que pelo anos 50 – logo depois de ter visto a *Esperança* de Menasseh – Vieira ainda estava numa especulativa curiosidade quanto aos ameríndios e que foi isto mais que outro motivo que o impeliu a voltar ao Brasil. Pois já começara a ver, havia muito, a mão oculta de Deus na história portuguesa e na preparação do quinto império.

Doutra maneira como se explica o singular rigor com que Vieira zelava, prosequia e protegia os direitos dos índios, fazendo deles uma raça superior aos pretos africanos, quando o mesmo Vieira tinha sangue africano nas suas veias? Tinha visto, é claro, o malogro dos Franciscanos como presumidos protectores dos índios. Conhecia o debate quinhentista sobre a questão da humanidade ou não-humanidade do ameríndio em que os defensores eram Bartolomeu de las Casas, Nóbrega, e outros⁵. Sabia que podia pela força da sua convicção (e com a ajuda do rei) conseguir êxito onde os Franciscanos tinham fracassado. Mas penso que é impelido por uma esperança visceral de ir participar numa reconciliação de Israel (já muito conversada com Menasseh) com o mundo cristão à maneira profetizada por Bandarra. Adma Fadul Muhana chama a atenção para a evolução do pensamento vieiriano como uma espécie de círculo hermenêutico gadameriano. Os horizontes dos seus escritos são cada vez mais amplos. Cito:

Concebidos num quadro de interlocução eminentemente dialético, a primeira pergunta que se impõe acerca dos textos proféticos de Vieira é a quê – e a quem – se destinam. A *Carta* é um escrito privado, dirigido à Rainha; a *Apologia* e a *Defesa*, aos inquisidores; a *História do Futuro* (a estes e) a Portugal; e a *Clavis Prophetarum*, pelo que se sabe, a toda a cristandade. (*Apologia*, XXI)

⁴ Lisboa, Edições Cotovia, 1994, p. 162.

⁵ Ver Fred Gillette Sturm, “Estes tem alma como nós?”, *Empire in Transition: The Portuguese World in the Time of Camões*, Gainesville, University of Florida, 1985, p. 72-82.

Quero acabar com duas observações ou lembranças. Saraiva, no seu artigo citado, conclui:

A ideia de um possível acordo entre as religiões [cristã e judia, servidas tão interessante e hermeneuticamente ao longo do século XVII por Vieira e Menasseh,] teve a sua primeira forma, ainda vaga, na tradição messiânica judaico-portuguesa que nasceu da mistura das duas comunidades, em consequência da astuciosa política do rei D. Manuel I, tentando favorecer e conservar em Portugal a população judia, que, oficialmente, tinha sido expulsa do País⁶.

Isto é, ficavam no país mas deixavam de ser judeus. Eram Cristãos e eram judeus. Eram cristãos novos. A historicidade desta hibridização espiritual levada a cabo em poucos anos – apesar de, às vezes, pela força – é um grito milenarista a que Vieira não pode resistir. Ora este passo tão importante na eventual conversão do judeu à cristandade prenuncia o advento próximo da vinda de Cristo.

Saraiva também nos lembra que “segundo as palavras de Cristo ao primeiro rei de Portugal, o império português era o império de Deus” (82). O facto de ser D. Manuel I o rei que facilitou este primeiro passo ecuménico com certeza também não terá escapado a Vieira pois, como se sabe, Manuel quer dizer “Deus está connosco.” Portanto, o rei português a agir em plena harmonia com os desígnios divinos.

Penso que igualmente não terá sido despercebido por Vieira o facto de ele pertencer à “Sociedade de Jesus”, nome historicamente importante na última etapa do segundo estado da Igreja, conforme a visão missionária de Vieira. Mas estou convencido de que este grande erudito, apreciador de trocadilhos gongóricos e outras finezas barrocas, também sabia ler o nome desta augusta ordem católica duma maneira cabalística, digamos à maneira de Menasseh ben Israel e, quem sabe, duma maneira talvez discutida com ele. Isto é, para Vieira, que viu como iminente o quinto império – um novo reino judeu-cristão – a frase “Sociedade de Jesus” contém, em si, a alusão à sociedade em que Jesus nasceu: a sociedade hebraica, a sociedade dos judeus, a sociedade de Jesus, reunindo no próprio Vieira, vate, o cumprimento da profecia que diz “os últimos serão os primeiros, e os primeiros os últimos.”

⁶ Saraiva, *op. cit.*, p. 107.

